

Das brigas de arquibancadas à vida de professor universitário: relatos de um líder de torcida no Rio de Janeiro dos anos 1980

**From Brawls in the Stands to Living as a University Professor:
Narratives from an Organized Football Fan Leader
in Rio de Janeiro of the 1980**

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio
bernardobuarque@gmail.com

RESUMO: O artigo propõe um relato de história de vida de uma figura emblemática no universo de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro, dos anos 1980, tendo por base entrevista concedida ao autor. A fala que serve de matéria-prima ao texto pressupõe acompanhar sua narrativa, a despeito do reconhecimento de uma espécie de dupla “ilusão biográfica” – a do entrevistado e a do entrevistador –, com a retrospectiva contada pelo torcedor organizado acerca de suas opiniões, de suas memórias, de suas autorrepresentações e de seu conjunto de vivências nas arquibancadas dos estádios de futebol. A narração distende-se até o encerramento desse ciclo iniciático juvenil, quando, sob o temor do risco à sua integridade física por parte de grupos rivais, o narrador opta por uma ruptura com este meio, redirecionando seu projeto de vida e o horizonte de expectativas de sua própria carreira profissional.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Autobiografias; Futebol; Torcidas Organizadas.

ABSTRACT: This article proposes an account of the life story of a notable character in the universe of organized football supporters in Rio de Janeiro from the 1980s, based on an interview given to the author. Despite the recognition of a double “biographical illusion”, the speech that serves as the raw material for the text seeks to narrate the retrospective told by the organized supporter about their opinions, self-representations, and set of experiences in football stadium stands. The story goes on until the end of the youth initiation cycle, when, fearing for their physical integrity due to rival groups, the narrator opts to move away from this environment and redirect their life project and horizon of expectations to their own professional career.

KEYWORDS: Oral History; Autobiographies; Football; Organized fan Groups.

Sabe-se que a conversão da gravação oral em narrativa escrita que perfila um entrevistado tem implicações metodológicas, dialógicas e hermenêuticas. Não obstante, mais que aprofundamentos teóricos nessa metodologia, o propósito precípuo do presente artigo é transpor o testemunho direto para a ordem indireta do discurso, de modo a dispor de uma sequência cronológica e discursiva, supostamente coerente entre o que o depoente diz sobre si e o que o entrevistador apreende a seu respeito, em um filtro que, não obstante, sorve questões e interesses próprios da pesquisa acadêmica.¹

É hoje sobejamente conhecida a referência ao ensaio Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”.² Nela o sociólogo francês tenciona desconstruir a acepção jornalística e de senso-comum, segundo a qual as trajetórias são narradas retrospectivamente de forma linear e coerente, como se o biografado tivesse um sentido e destino traçado de forma prévia ou teleológica. Segundo Simoni Guedes, é necessário “não sucumbir à tentação de dar sentido ao que é, muitas vezes, caótico, casual e desordenado”.³

Alertas a essa dupla tentação, o relato a seguir trata da trajetória de Banha, líder e figura “lendária” da Torcida Jovem do Flamengo durante os anos 1980. Em função das brigas, das rivalidades e das ameaças crescentes em que se envolveu, surpreendeu a muitos do meio quando resolveu abandonar o círculo de relações nas torcidas organizadas de futebol, no final dos anos 1980. Neste entretempo, iniciou seus estudos universitários em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fez graduação na UERJ, formou-se e depois curso mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social na UFRJ. Desde os anos 2000, é professor e reside no interior do estado do Rio, onde leciona História Antiga no campus de uma universidade particular.

O personagem nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1962, mais precisamente na Tijuca. Criado naquele bairro da zona norte do Rio de Janeiro, onde passou a infância e a juventude, começou a frequentar os jogos muito cedo, com sete anos de

¹ O relato a seguir, realizada no âmbito do doutoramento, feito no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura/PUC-Rio, baseia-se em entrevista concedida no dia 12 de dezembro de 2005, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Duração: uma hora de gravação.

² BOURDIEU. A ilusão biográfica, 2006.

³ GUEDES. Sobre permanências e transformações em contextos acadêmico-institucionais: um relato pessoal, p. 340.

idade e, tendo crescido nas imediações do Maracanã, costumava ir ao estádio a pé. A primeira partida importante de que se lembra ocorreu no ano de 1969, a decisão do Fla x Flu na final do Campeonato Carioca, quando o Maracanã recebeu mais de cento e cinquenta mil torcedores e o Fluminense sagrou-se campeão com uma vitória de três a dois. Ele ia com o pai que o carregava nas costas em seu setor preferido então, a Geral. Sua inclinação pelo Flamengo deveu-se igualmente à influência paterna, um rubro-negro fanático que, em função de problemas de saúde, parou de frequentar os estádios e passou a assistir às partidas pela televisão.

A frequência aos jogos em companhia do pai se estendeu até 1977, quando completou quinze anos e começou a ir sozinho ou junto a uns três ou quatro amigos de colégio da Tijuca. Resolveu entrar em uma torcida organizada por volta de 1978 e a primeira que escolheu foi a Fla-12, exemplo seguido por seus amigos. Tratava-se de uma torcida do bairro da Tijuca, seu “dono” era o proprietário da loja Havaí Esportes, o Vitório, e lá fez novas amizades.

A Fla-12 foi uma torcida de curta duração, começou grande mas em seis meses de existência decresceu enormemente até ficar restrita a uma meia dúzia de pessoas. Com isto, integrou-se à Torcida Jovem do Flamengo, no momento em que viu uma mobilização ao seu redor, com a reorganização do grupo após um tempo em que ficou desativada. A recriação da Jovem fez com que muitas pessoas pertencentes às demais torcidas, componentes da Garra-Fla, da Fla-Povo, da Raça Rubro-Negra, da Fla-Ponte de São Gonçalo, entre outras torcidas próximas à Fla-12, aderissem ao novo movimento. Após muitas dificuldades, a torcida se reestruturou e voltou a crescer.

Em sua recordação, a Jovem ficou parada durante a década de 1970, talvez depois de 1972, 1973 e assim ficou até 1978. Todos os grandes clubes possuíam uma torcida grande atrás do gol, mas o Flamengo, não. A Raça Rubro-Negra, que era uma torcida forte, ficava na altura do corner. Então eles pensaram na criação de uma torcida com força que ficasse atrás do gol. Como todas as torcidas naquela posição eram chamadas de Jovem, eles “recapturaram” a ideia, mantiveram o nome e deram continuidade.

Antes disso, sabe-se que a torcida era comandada pela *tia* Helena, mas pouco depois ela se afastou. No período em que a torcida ficou parada, alguns integrantes

da Jovem continuavam a assistir ao jogo no mesmo local, mas iam sem camisa e já não botavam a faixa. De modo que houve um estranhamento por parte dos antigos membros, quando perceberam aquele alvoroço e aquela gente nova a chegar e a comprar o novo modelo da camisa do grupo. O Niltinho, por exemplo, que depois foi presidente da torcida, pertencia à Flatuante, uma agremiação de Niterói, e quando viu o movimento ao redor da Jovem, também aderiu.

Não foi fácil a reativação da torcida, houve muita dificuldade e lembra que graças à doação financeira de uma senhora foram compradas oitenta bandeiras. Era o mais difícil, pois elas custavam caro. Só então a torcida pode se rearticular. No início da recomposição, a torcida possuía trezentos componentes. Eles zeraram o cadastro antigo da torcida e entraram em contato com aqueles que gostariam de fazer uma nova carteirinha de sócio. Quando ele saiu da Jovem, a torcida tinha mais de seis mil integrantes.

Mas a frequência assídua aos jogos ficava em torno de seiscentos e setecentos integrantes e apenas dez por cento dos componentes participavam da rotina da torcida de um modo mais constante e efetivo. A Torcida Jovem era a menor dentre as grandes torcidas, compostas pela Força Jovem do Vasco, pela Raça Rubro-Negra, pela Torcida Jovem do Botafogo e pela Young-Flu. A Jovem possuía uma tradição e uma reputação no passado, mas na época em que se integrou a ela já não era uma torcida considerada importante.

Seu auge foi o final da década de 1960 e o início da década de 1970, por causa do Onça, um dos líderes da Torcida Jovem. A fama de um grupo agressivo sempre existiu, mesmo nos idos de 1970, até para os padrões antigos era vista como violenta. Enquanto na torcida do Botafogo tinha o Tarzã, na Jovem do Flamengo existia o Onça. Qualquer briga, qualquer problema, era o Onça que aparecia, com o pessoal da Jovem. Esse espírito combativo foi transmitido para a geração dele, aprenderam a revidar, pois não admitiam “levar desaforo para casa”. A Jovem cresceu com essa disposição para a briga, mas só quando havia provocação da outra parte. Em razão disto, Banha costuma dizer que em seu tempo eles iam ao estádio para ver o jogo e de vez em quando brigavam; hoje em dia, eles vão para brigar e de vez em quando veem o jogo. Inverteu-se a lógica. O pessoal de briga era o Onça, o Pedro Paulo, o Fuinha, mas tinha um pessoal de Niterói que era “enfestado” também.

Ele se lembra que o Onça tinha um cabelão e era muito forte. É certo que havia também a tia Helena, uma líder pacífica, mas ela não se metia quando o assunto eram as brigas, ela preferia se afastar. Pertenceu ao momento inicial da torcida, não permaneceu por muito tempo, pouco a pouco foi se desligando. Por duas razões principais: o perfil de briga dos mais jovens e a idade avançada dela. Tornou-se uma figura lendária, era respeitada mas não tinha liderança quando havia uma briga.

Em sua narrativa, vinha de uma outra época, em que as pessoas idosas eram mais respeitadas. No Fluminense também tinham casos parecidos. Seu Armando, da Young-Flu, era um senhor, mas gostava de ficar à frente dos jovens que curtiam briga também. Embora houvesse respeito por sua figura no grupo, ele tinha problemas para segurar o ímpeto do Armandão, do Rato e de outros brigões da torcida. A briga, contudo, era pessoal, direta, na mão, e só ocorria dentro do estádio.

Quando ela extravasava para a rua, nas cercanias do estádio, não havia corvadia de três baterem em um, nada parecido com isso. Não se brigava com um torcedor comum, o confronto “mano a mano” era com o cara da outra torcida organizada. Ninguém encostava a mão no “povão”, que passava com a camisa do Fluminense ou do Flamengo pela rua. Seguia-se a uma série de convenções, que não eram escritas, mas obedecidas por todos.

Aquele que ultrapassasse esses limites era mal visto pelo conjunto dos torcedores. Era tido como covarde. Havia convenções e regras preestabelecidas que foram perdidas com o tempo. O perfil majoritário da torcida na década de 1980 era composto por jovens do sexo masculino, mas também do sexo feminino, que moravam tanto na Zona Norte quanto na Zona Sul. Tinha uma garotada bonita das duas regiões e com isso as meninas iam para a torcida. Ele inclusive namorou uma moça da torcida, a Márcia, que vem a ser mãe de seu filho hoje.

A Raça Rubro-Negra também era conhecida por mulheres bonitas, tinha modelos como a Maristela e a Martha Esteves, que hoje é jornalista. No início, o foco da TjF eram dois bairros: Copacabana e Tijuca. O Capitão Leo comandava o pessoal de Copacabana e ele, o da Tijuca. Depois escolheram a Praça Saens Peña como ponto de aglutinação das galeras, para irem juntos para o Maracanã, pois a Jovem era forte ali também e todos os ônibus desembocavam naquela praça. Isto foi por volta de 1986, 1987, quando a torcida estava muito grande.

Foi o Leo, uma “figuraça”, quem criou esse ponto de encontro. O Leo se aproximou da torcida e assumiu o comando da torcida em fins dos anos 80, no mesmo momento em que ele estava deixando Jovem. Desde meados da década de 1980, criou-se a tradição de luta na torcida e a prática de artes marciais em academia. Muitos garotos começaram a fazer boxe tailandês, o Peu, o Hércules, o Hélio, o Severo, o Budi, que foram campeões na modalidade. Até sua namorada lutava. Mas, após a fase da luta na mão, veio a fase do tiro, das armas de fogo.

Em 1980, ele assumiu a presidência da torcida e foi eleito por dois anos. Foi presidente até 1982 e permaneceu no grupo até 1988. Com o crescimento da violência e o início de ameaças de morte e da escalada de assassinatos, ele resolveu abandonar a torcida. Segundo Banha, na época em que presidiu a Jovem, o Flamengo chegou a ter mais de cem torcidas organizadas. Elas tinham até então um caráter festivo. Quando o jogo ocorria no domingo, passava-se sexta e sábado fazendo bandeiras, preparava-se papel picado, comprava-se papel higiênico, buscavam-se os bambus nas florestas, faziam esse tipo de coisa.

Com o tempo, tais hábitos acabaram e as torcidas se profissionalizaram muito. No momento em que ele saiu da torcida, já não se procedia da mesma maneira, havia um esquema previamente programado, os instrumentos não eram fabricados por eles, mas comprados em loja, tudo era entregue pronto. Ele vivenciou uma época amadora, romântica, ia-se para o Maracanã e eles mesmos produziam os materiais, encontravam-se com o pessoal das outras torcidas.

A Jovem foi uma torcida engajada politicamente. Em âmbito interno, faziam eleições para a escolha do presidente e não podia haver reeleição. Por isto, depois dele veio Niltinho e tomou posse na torcida. Mas quase sempre não eram necessárias as disputas, era candidatura única e consensual. Como a torcida era pequena, não existiam facções internas. Depois do Niltinho, foi a vez do Leo. Antes da presidência do Banha, tinha sido presidente o João Carlos, que começou o processo de reunificação da torcida após o período “lendário” ou “romântico” da Tia Helena. Ele e vários componentes da torcida eram sócios do clube. Participavam da vida clubística interna, chegaram a lançar um candidato à presidência, Alberto Selento, o Betinho, que ficou em terceiro lugar dos quatro que concorreram.

Eles eram uma força. Hoje as torcidas não têm mais influência no clube, estão ausentes das eleições. Como as torcidas têm poucos sócios para ser uma voz política ativa no interior do clube, os dirigentes do Flamengo e do Vasco atualmente usam os grupos. Banha associa a situação crítica do futebol carioca à decadência das torcidas, notadamente com o fim da antiga associação de torcidas organizadas, a Astorj. Considera que a Geral do Maracanã dificilmente teria sido extinta se a Astorj ainda estivesse em atividade. Em seu tempo, as torcidas organizadas iam para a Geral, onde faziam protestos, iam às rádios “fazer barulho” e reclamar contra o aumento dos ingressos. Promoviam greves e conseguiam várias vezes baixar o preço.

Isto ocorreu no início da década de 1980, por volta de 1982, 1983. As reuniões da associação eram às segundas-feiras no Maracanã. A politização e a conscientização maior da torcida ocorreu até 1985, 1987. Depois isto, pouco a pouco foi sendo perdida. Muitos integrantes da Torcida Jovem eram filiados a partidos políticos, ao PT, ao PDT, havia simpatia pelo Brizola. Ele mesmo foi filiado ao PDT. Lembra-se de quando o Brizola venceu as eleições em 1982, boa parte do Maracanã cantou o nome do governador eleito. Era um contexto de fim da ditadura, havia um interesse novo pela política, que foi despertado. A administração pedetista de Jorge Roberto da Silveira, Secretário de Esportes do governo Brizola, também ajudou nessa aproximação da torcida com a política. Mas, com o passar do tempo, o interesse pela política foi decaindo, diminuindo novamente.

As torcidas voltaram a perder prestígio com a violência crescente. Houve uma grande mudança nos dias de hoje. Os encontros entre as torcidas atualmente resultam em briga, não há a mínima possibilidade de entendimento, qualquer tipo de diálogo. E havia muito diálogo entre as torcidas dos diferentes clubes no final da década de 1970 e início de 1980. Mas depois desse ambiente favorável, houve uma deterioração geral. Ele assistiu ao início do declínio da relação entre as torcidas, principalmente quando os chefes mais famosos se afastaram, o Fernando Mesquita, da Torcida Jovem do Botafogo, o Seu Armando da Young-Flu. O Eli Mendes, da Força Jovem do Vasco e o Niltinho, seu sucessor na Torcida Jovem do Flamengo, ambos faleceram.

Aí veio uma “garotada” que assumiu o comando e que já não media muito as consequências. O afastamento dessas figuras é visto, portanto, como o fator da

perda de controle sobre as torcidas. Ao Fernando Mesquita, da TJB, sucedeu o Portela e um outro torcedor do Botafogo que depois foi preso. Ali foi o início de um outro processo. A comparação entre os chefes de torcida de hoje e os do seu tempo não deixa dúvidas: hoje os eles nem se conhecem, enquanto no tempo de Niltinho fazia-se festa na sua casa e todos os líderes eram chamados como convidados.

As brigas eram eventuais, não eram um fato desagregador, pois não havia grandes covardias. Recorda-se de um jogo da Seleção Brasileira no Maracanã, em que um integrante da Torcida Jovem do Flamengo arrancou uma faixa da Força Jovem do Vasco e deu para ele, que era presidente da torcida. Banha tirou sua camisa, foi até o lado da torcida adversária, no meio da Força Jovem, sem que eles fizessem nada contra ele, e devolveu a faixa ao Eli Mendes. E ainda pediu desculpas pelo que o garoto havia feito. Semelhante situação hoje seria impensável.

Para ele, aquela atitude do garoto já era um sinal de que havia uma nova geração na Torcida Jovem que não pensava mais como ele, não aceitava mais aqueles códigos de ética. Em seguida, o pessoal da Torcida Jovem do Flamengo incendiou, em um ato de covardia, a sala da Torcida Jovem do Botafogo. Considera um caso grave, pois se lembra do Fernando Mesquita chorando na rádio, com seu material destruído, suas bandeiras inclusive. Em contrapartida, eles tiveram de se proteger também, pois começaram as ameaças de revide e de invasão da sala deles. Tiveram de pagar um preço muito alto para botar uma porta de aço, com duas grades. Mesmo assim o pessoal da Força Jovem um dia rendeu os seguranças, invadiu e queimou a sala.

Era enfim uma guerra sem vencedores, com prejuízos para os dois lados. A fama de temido que Banha tinha em seu tempo parece-lhe exagerada e injustificada. Ele cita o exemplo do Russão, que era conhecido como um líder brigão, folclórico, fortão, tinha o corpo cheio de tatuagens do Botafogo. Lembra-se em Marechal Hermes, com o Botafogo em crise, sem títulos, Russão atirava todos os objetos imagináveis em campo. Certa feita ele arremessou um latão de lixo e um pneu. Mas, apesar da aparência, ele testemunha que nunca viu o Russão brigar com uma pessoa. Ele sabia disto porque todos se encontravam no mesmo bar, as torcidas iam para o mesmo lugar para beber e conversar. Era o tradicional Tip-Top nas imediações do Maracanã. Hoje isso é inacreditável. A perda de prestígio de lideranças co-

mo o Russão para a Torcida Jovem do Botafogo, do César da TOV, professor de matemática da UERJ, para a Força Jovem do Vasco, foi a causa disto.

A TOV do César era uma torcida enorme, mas foi perdendo adeptos à medida que a mentalidade das brigas e das confusões se intensificou. A TOV, um grupo pacato, diminuiu drasticamente. Ao falar da TOV, lembra-se de outro furto de uma faixa daquela torcida em sua sala e o fato de ele ter ido à casa do César devolvê-la pessoalmente e pedir desculpas. Quando ele entrou na Jovem, a maior rivalidade existente entre torcidas era com a do Botafogo e a do Fluminense. A rivalidade com a Força Jovem do Vasco veio depois. Mesmo com o Fernando Mesquita na TJB e com o Niltinho na TJF, que eram pessoas calmas e pacíficas, havia brigas, pois eles não tinham controle total sobre os associados. A seu ver, a ideia de que o chefe detém o controle da torcida vem a ser uma lenda criada pela imprensa.

Dependendo do caso, se o chefe “fala grosso” no grupo, ele é destituído da torcida, de forma às vezes covarde. Lembra-se do caso do Capitão Leo, que foi agredido e tirado da torcida através da força física. Em período recente, soube que um outro grupo de integrantes assumiu a torcida na “porrada” também. A administração de uma torcida é algo muito difícil, pois há muita gente diferente, há muito conflito. Segundo ele, a culpa não é dos chefes de torcida. Compara os chefes de torcida aos líderes sindicais, como Chico Mendes, que foi assassinado. Mesmo com sua morte, vêm outros e os problemas continuam.

O problema não é o líder. O Fernando Mesquita, do Botafogo, por exemplo, era um cara “de paz”, segundo é de seu conhecimento ele nunca brigou na vida com ninguém. O Eli Mendes, outro caso exemplar, era um senhor, calmo, não tinha como ele segurar aquele bando quando se aglomerava, era difícil. A imprensa sempre cobrou muito dos chefes e a deterioração da imagem da torcida perante os meios de comunicação se acentuou na década de 80, quando alguns jornalistas conservadores incomodaram-se com o fato da torcida agir como um sindicato, com intervenção na vida do clube.

Eles achavam que torcedor era só para torcer, tinha de se contentar em ser torcedor, apenas aplaudir e pronto. Em contraposição, a Jovem tinha um slogan, que eles gostavam de cantar no Maracanã: “Torcedor alienado é coisa do passado”. Em virtude disso, a relação com a imprensa não era muito boa, pois uma boa parte dela

era conservadora. Tinha outra parte ainda que vinha da ditadura e que não gostava muito do tipo de participação deles. Um crítico severo das torcidas foi João Saldanha, embora fosse de esquerda. Ele dizia que as torcidas não podiam esticar as bandeiras, pois o torcedor comum tinha o direito de se sentar naquele local, se quisesse.

Ele era muito crítico também da atuação que a torcida tinha dentro dos clubes, achava que eram coisas distintas, tinham de ser separadas. Eles sofriam uma grande oposição dos meios de comunicação. Mas alguns jornalistas eram favoráveis, como o Sandro Moreira, segundo o qual a torcida tinha o importante papel de “desalienar” o torcedor. Tanto que às vezes o pessoal da Jovem escrevia cartas para ele, pedindo esclarecimentos, sugestões, para ele “dar uma força” e anunciar alguma ideia ou iniciativa que eles tinham tido. A relação com os dirigentes também não foi boa e de um modo geral era bem tensa. Ela ficou sobretudo muito estremeçada na presidência de Dunshee de Abranches, quando o Zico foi vendido para o futebol italiano, em 1984.

A pressão da torcida levou-o à renúncia, havia planos até de matá-lo. Na semana seguinte à venda do Zico, o Flamengo foi humilhado pelo Botafogo no Maracanã lotado, três ou quatro a zero. Na segunda ele renunciou. Depois disso o Flamengo teve uma sequência de presidentes horríveis, Gilberto Cardoso Filho e veio tendo até hoje, o que levou o clube para o fundo do poço. Não há lideranças novas dentro do clube. Os nomes novos juntam-se aos velhos. Hélio Ferraz se junta ao Márcio Braga, este se une com o Kleber Leite.

Esses por sua vez têm relação com dirigentes antigos, como o Helal e o Cardoso Filho, todos no fundo são do mesmo grupo. É como se o Flamengo hoje fosse um feudo dessa gente. Com o crescimento da violência e a perda de credibilidade, não foi possível às torcidas a modificação de tal quadro. A desmoralização da torcida se deu de maneira generalizada em toda a sociedade: perante os dirigentes, os torcedores comuns, a polícia e a opinião pública de um modo geral. Mas o entrosamento entre as torcidas com outros setores do futebol chegou a haver, recorda-se de um campeonato de futebol disputado por elas dentro do 6º Batalhão de Polícia Militar, com direito a troféu. Os policiais eram os juízes das partidas e, ao final, saíam juntos e iam tomar cerveja. Às vezes, em uma eventualidade, podiam até bri-

gar, mas isto não gerava um ódio nos níveis atuais. Um torneio como aquele seria inconcebível e inviável nos dias de hoje.

Ninguém ameaçava ninguém, não havia linchamento, se houvesse desavença, era “na mão”. Lembra-se de um campeonato daqueles quando brigou com um cara da Força Flu. Assistindo ficaram uns cem torcedores de um lado, uns cem do outro e ninguém se meteu, viram os dois brigarem como uma disputa pessoal. Isto jamais aconteceria hoje, seria uma pancadaria generalizada. Na época, foi encarado como uma rivalidade pessoal entre ele e o tricolor. Depois inclusive eles fizeram as pazes, tomaram cerveja e o rapaz pediu desculpas, pois sabia que agira errado. Banha cita exemplos de torcedores de diferentes times que tinham amizade entre si. Nos jogos contra o América, o pessoal do Fluminense assistia ao jogo com a Jovem do Flamengo. Dentre eles recorda-se do Lêlê da Young-Flu, do Antônio Gonzáles da Força Flu, líder daquela torcida.

Chegavam a viajar em ônibus juntos com eles, não tinha problema nenhum. As rodadas duplas é que geravam muitas brigas entre as torcidas nos jogos no Maracanã. Quando se mudava de lado para assistir ao ataque do time no gol contrário, havia disputa por espaço, pelo mando e pela ocupação do território, o que levou ao encerramento desse evento tradicional que eram os dois jogos na mesma tarde. Banha afirma ainda que todos os chefes de torcida conheciam os policiais, eram todos do 6º Batalhão, ali da Tijuca.

De início era o Tenente Siqueira, que depois virou capitão, depois veio o sargento Sérgio. Havia uma camaradagem entre eles, ao contrário de hoje, quando não há proximidade, a polícia já chega dando bordoadas em todo mundo. Não pegou o período de criação do GEPE (Grupo Especial de Policiamento em Estádio), que surgiu em 1991, no início do segundo governo Brizola. No período de sua liderança, o relacionamento era com o 6º Batalhão, onde havia reuniões para a combinação da chegada, da entrada e da saída das torcidas no estádio. E havia obediência, eles seguiam as instruções. A polícia sabia o endereço da casa onde moravam e tinha o telefone das lideranças principais, existia enfim mais respeito mútuo.

Na atualidade, em virtude da televisão, é possível ver e acompanhar muito mais os jogos do time do que antigamente. Tempos atrás, os jogos mais distantes restringiam-se às transmissões de rádio, salvo alguns jogos em São Paulo ou Minas

Gerais. Banha diz que viajou muito. Fora do Brasil, foi ao Chile, ao Uruguai e à Argentina, acompanhando o Flamengo na Copa Libertadores da América, de 1981. A viagem ao Chile foi a segunda partida da decisão da Libertadores entre Flamengo e Cobreloa, para onde ele foi de avião.

Em seguida, foram ao Uruguai assistir à terceira, última e decisiva partida. Enquanto a maior parte do pessoal foi de ônibus direto do Chile para Montevideú, a maioria integrante da Raça Rubro-Negra e da Jovem, ele e um grupo que tinha mais condição financeira resolveram ir novamente de avião. No Brasil, foi várias vezes para Goiás e para o Rio Grande do Sul. A São Paulo, que era perto, perdeu a conta do número de viagens e afirma conhecer a capital paulista graças ao Flamengo. Em Belo Horizonte, esteve na final contra o Atlético-MG, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1980. No Rio, ia a todos os jogos no Maracanã e regularmente às partidas no interior do Estado.

A lógica era a seguinte: até distância de 24hs eles iam a todos os jogos, mais do que isso, não iam sempre, pois ficava caro, a ida dependia da importância do jogo. Mas viajou muito pois a equipe do Flamengo no início dos anos 80 também ajudava, era excelente, ganhava tudo. Hoje talvez não se viaje mais, pois não há tanto estímulo de títulos e vitórias. Nos jogos decisivos, eles contavam com o apoio financeiro dos dirigentes para viajar. Em 1983, na primeira partida da final do Campeonato Brasileiro, em que o Flamengo se sagrou tricampeão, Banha testemunhou a sua maior caravana. Para o jogo contra o Santos no Morumbi as torcidas organizadas do Flamengo levaram duzentos ônibus. Destes, pelo menos metade havia sido concedida pela diretoria do Flamengo. Ainda assim, não deu vazão para a demanda, a procura foi muito grande e eles alugaram mais cem ônibus. Só a Jovem levou sessenta e poucos ônibus.

O controle nas viagens costumava ser muito difícil. Havia muito quebra-quebra nos bares, nas cercanias dos estádios. Era muita gente, ele estava no ônibus de número quatro, havia confusão no ônibus de número oito, lá atrás, aconteciam inúmeras brigas, ele não tinha como controlar tudo. As viagens eram muito problemáticas, vários ônibus quebrados e depredados pelos torcedores de lá, vinham pedradas de todos os lados. Em São Paulo, as caravanas sempre foram complicadas, pois a polícia era extremamente violenta. Uma vez estava parado, veio um po-

licial e deu com a borracha nele. Chamou-o de “mendigo do Rio” – alusão ao filme *Menino do Rio*, que passava na época –, e ofendeu-o, chamando-o de “filho da puta”. Uma agressividade gratuita, à toa.

Por isso, quando houve a briga da torcida do River Plate com a polícia paulista no Morumbi, nas partidas finais válidas pela Taça Libertadores da América de 2006, em que os argentinos partiram para cima dos policiais e esbordoaram eles, Banha vibrou, comemorou muito. Pois a PM de São Paulo, acostumada a bater com cassetete nos torcedores brasileiros, achou que podia fazer isto com os argentinos.

O comportamento clássico da polícia de São Paulo é assim: bate primeiro e vê o que aconteceu depois. Só que a polícia paulista teve de lidar com um povo que sabe enfrentar, que não é “frouxo” como o brasileiro e se deu mal. Lá na Argentina os torcedores são homens feitos, ao contrário daqui, que são pirralhos. Lá o futebol é uma coisa séria, tem a ver com os bairros, muito mais do que aqui. Não há torcidas organizadas, há uma única torcida que fica atrás do gol, as chamadas “barras bravas”.

Segundo Banha, as viagens possibilitaram que eles chegassem a manter um contato muito bom com os “barras-bravas” do Independiente, que eram muito legais, e com o pessoal da torcida do Boca Juniores. Quando eles viajaram a Buenos Aires, sabiam que a torcida do River Plate seria um problema, pois estavam inteirados da relação que a Jovem tinha com a barra do Boca. Relata o caso de um jogo contra o Estudantes de La Plata, em que a Jovem foi com um ônibus para a Argentina.

Estavam em um bar nas redondezas do estádio, quando de repente chegaram uns quinhentos torcedores, mal encarados, com barras de ferro, e perguntaram se eles do Flamengo estavam ali para “la guerra ou para la paz”. Diante de tamanha desvantagem, Banha e seus companheiros obviamente disseram que tinham ido para “la paz”. Os argentinos então baixaram as armas e foram tomar vinho junto com eles. Quando entraram no estádio, o jogo já tinha começado e já tinham passado dez minutos de jogo.

A Torcida Jovem importou muitas músicas da Argentina e, da mesma maneira, algumas os argentinos adaptaram deles. Segundo Banha, o *funk* hoje é a batida predominante. Já no “seu tempo” era o samba. A Jovem alternava a preferência do samba com o rock, pois muitos integrantes da torcida tinham uma “outra cabeça”, diferente do samba. Eles frequentavam o Circo Voador, havia muitos metaleiros na

torcida, lembra de ter ido ao Rock in Rio 1, em 1980, uns trezentos componentes da Jovem estiveram presentes.

Mas outros também gostavam de samba, iam para os ensaios das escolas de samba do Salgueiro, da Mangueira. Hoje todos vão para os bailes *funks*. É uma outra cultura que vem com as gangues dos morros, com o CV, com o Terceiro Comando. Tudo isto entrou muito na torcida. Toda a cultura da violência, do sexo, da vulgaridade, tomou conta da torcida também. Em relação às amizades no Brasil, Banha aborda a relação espetacular que a “velha-guarda” da torcida teve com os Gaviões da Fiel do Corinthians.

Isso começou a ser construído em 1976, quando a torcida do Corinthians veio ao Rio contra o Fluminense, naquela famosa invasão e a torcida do Flamengo foi em massa apoiar os corintianos. Naquele jogo, tinham muitas bandeiras rubro-negras e ali começou uma relação entre torcidas que possuíam em comum a grandeza e a popularidade de dois clubes como Flamengo e Corinthians. Criou-se o slogan: “Corinthians lá, Flamengo aqui”. Quando Banha assumiu a torcida em 1980, já havia relação de amizade entre componentes dos Gaviões e da Jovem. O ex-presidente da torcida, o João Carlos, já tinha namorado uma moça dos Gaviões, o que facilitou a simpatia e a aproximação. Infelizmente isto hoje acabou e as torcidas são inimigas, o que considera um absurdo.

Quando ele saiu da torcida, ele viu o começo da “arenga”. As novas gerações passaram a não querer mais, começaram a rivalizar entre si, houve incidentes isolados entre componentes que não queriam essa união e isto acabou passando para a maioria. Ele não concorda com o rumo que tomou, pois Jovem e Gaviões chegaram a fazer atividades em conjunto, eram campeonatos e churrascos. Iniciou-se, por outro lado, no mesmo momento uma aproximação com a torcida do São Paulo, com a qual nunca tinha havido briga, o que incomodava o pessoal dos Gaviões. A Jovem decidiu que não ia brigar com a Torcida Independente do São Paulo por causa dos Gaviões. A briga deles era com a Mancha Verde do Palmeiras e com a Sangue Jovem do Santos, com as demais, não. A relação com a torcida do São Paulo se manteve e perdura até hoje. Na capital paulista, a situação piorou muito entre as torcidas, lá houve um processo mais grave com mortes e emboscadas sistemáticas.

Em Minas Gerais, a amizade com a torcida do Cruzeiro foi construída a partir da decisão do Campeonato Brasileiro de 1980, quando os cruzeirenses apoiaram em massa os flamenguistas no Mineirão, na primeira partida das finais. Mas infelizmente também esta relação hoje não existe mais. Banha diz que a última vez em que esteve no Maracanã, viu um cara da Jovem queimando uma camisa da Máfia Azul do Cruzeiro. Não conseguiu entender por quê. Ele ficou chocado, pois para ele os cruzeirenses eram amigos, eram “irmãos”. Com a torcida do Atlético Paranaense, com quem também tinham amizade, embora não muito antiga, as torcidas do Flamengo brigaram também, de modo que só ficou a do São Paulo mesmo. Não sobrou ninguém, uma pena.

Isso aconteceu porque, a seu ver, a Torcida Jovem recebe muitas pessoas “problemáticas”. Às vezes uma atitude isolada de dois ou três componentes acaba por jogar um peso alto sobre toda a torcida, o que gera um problema difícil de solucionar. Na década de 1990, a torcida começou a receber pessoas como o Snoopy, que depois foi procurado pela polícia, como traficante. No tempo dele, já existiam figuras marginais, mas um cara daqueles não poderia “apitar”, comandar, poderia até ficar lá na torcida, torcer junto, mas não podia mandar na organização, que tinha hierarquia, voto, eleição.

Quando ele foi um dos líderes da torcida, o cara não ia armado, não falava alto, respeitava-o. À medida que a torcida foi se deteriorando, estes caras passaram a assumir, não só no Flamengo, como no Vasco, no Botafogo, todas as torcidas têm seus bandidos pelas favelas. Os “caras” chegaram com dinheiro, em um contexto de morte, com capacidade de organização. Por um tempo chegaram a tomar conta da torcida.

Por isso, seus pais eram totalmente contrários à presença dele na torcida. Achavam que era uma loucura, que era perigoso e acabaram o convencendo com o tempo. A impressão deles era a de que o filho deixava a vida de lado. Para seus pais, aquilo era um atraso de vida, perdia-se muito tempo e gastava-se muito dinheiro. De acordo com Banha, isto serve para a desmistificação de outra lenda criada pela imprensa, segundo a qual os chefes de torcida se davam bem, enriqueciam com a torcida, o que não ocorria na realidade. As torcidas têm seus conselhos deliberativos, que controlam a entrada e a saída de dinheiro. O ganho de dinheiro da-

va-se entre as torcidas de pequeno porte, onde o chefe era a própria torcida e ele mesmo se valia da venda das camisas. Já nas grandes torcidas, só há aborrecimento, o líder só tem perdas financeiras.

É claro que isso não ocorre com todas as pequenas torcidas. A Flamante, do Ricardo Muci, nunca chegou a ser uma grande torcida, em função de sua localização no Maracanã, onde o sol incomodava muito, incidia frontalmente. O perfil era o de pessoas mais velhas, embora tivesse uma bateria muito boa. Depois do Muci, veio a Toninha, mas a torcida foi perdendo integrantes e não soube renovar suas lideranças. Banha considera que as torcidas têm de saber acompanhar os novos tempos, senão ficam cafonas. Dá o exemplo de sucesso da Fúria Jovem do Botafogo. Dissidência da Torcida Jovem do Botafogo, veio com novas posturas, com uma nova política, com uma nova atitude, com novos cantos, com nomes novos e, enfim, se impôs como uma grande torcida.

O momento de sua retirada da torcida ocorreu em 1988. A barra foi ficando pesada e ele pensou que não queria matar ninguém, tampouco morrer por causa disso. Uma vez, um pessoal da Força Jovem foi à sua casa e quebrou o carro do seu pai. Em outra ocasião, assistiu a um colega da torcida ser assassinado na porta da quadra da escola de samba do Salgueiro, na frente de várias pessoas, por um cara da Força Jovem. Era policial, saiu andando, ninguém fez nada. Aí ele parou para pensar e perguntar no que tinha virado aquilo. Era uma geração nova que se aproveitou da amizade entre ele, o Eli Mendes da Força Jovem e o Antônio Gonzáles da Força Flu para descobrir onde eles moravam e ameaçá-los em casa, coisas assim desse tipo. Resolveu desligar-se da torcida e, graças a isso, não pegou a fase pior, quando começou a morrer gente dos dois lados.

Foi muito difícil o afastamento, pois os amigos ligavam para ele, chamavam-no de covarde, diziam que outro amigo tinha sido “pego”, se ele não ia se vingar. Ele se recusou, mas chegou a passar por um período difícil em razão disto, viveu um dilema existencial, teve crise de consciência de sua decisão. Por outro lado, para ele, passada essa fase, sua vida pessoal e profissional melhorou muito com sua saída da torcida, deu uma guinada para melhor. Ele ficou de 1978 a 1988 na torcida, foram ao todo dez anos de participação e dedicação.

Nesse período ele era funcionário público federal e estudava, passando a se dedicar com mais afinco aos estudos quando deixou a torcida e iniciou o curso de História na UERJ. Fez graduação em Sociologia e ingressou na Pós-Graduação da UFRJ, onde fez Mestrado e Doutorado em História. Hoje é professor e pesquisador, especialista em História Antiga.

* * *

REFERÊNCIAS (consultadas):

ALVARENGA, Thiago Madureira. Imagens de si de líderes de três gerações da torcida organizada Máfia Azul no discurso sobre violência. **Revista Mosaico**, v. 9, n. 14, 2018, p. 88-104.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. Sobre permanências e transformações em contextos acadêmico-institucionais: um relato pessoal. **Revista Antropolítica**. Niterói: n. 42, 2017, p. 339-373.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. A voz da torcida: biografia, história oral e memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras. **Aurora – Revista de Arte, Mídia e Política**. São Paulo: PUC-SP, n. 9, 2010, p. 27-47.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; TEIXEIRA, Rosana da Câmara; MEDEIROS, Jimmy (Orgs.). **A voz da arquibancada: relatos de lideranças da FTORJ – Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer: relatos de lideranças de torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2019.

* * *

Recebido para publicação em: 27 maio 2020.
Aprovado em: 25 fev. 2021.